

via lateral

nº30

\$10,00

especial História do Vale do Araranguá



Lado norte da praça central da Vila de Araranguá, na virada dos séculos XIX e XX. À direita, vemos o início da atual Avenida Padre A. Luís Dias e, ao fundo, a zona desabitada junto ao rio Araranguá. As crianças são Tuca e Dino, familiares do telegrafista Bernardino de Senna Campos, autor da fotografia.

formação histórica do araranguá

No século dezoito, o território do que era então o distrito lagunense do Araranguá compreendia uma área imensa, coberta de matas e salpicada de rios, banhados e lagos; morros e serranias, que se estendia desde Jaguaruna até o Mampituba e desde o oceano à serra, embora os limites fossem incertos. Esse enorme território, que permaneceu praticamente desconhecido para o colonizador de origem europeia até bem avançado o século dezenove, era habitado por diferentes povos nativos que pouco a pouco foram sendo obrigados a retroceder diante do avanço do homem branco, até serem quase completamente exterminados.

Os primeiros habitantes de origem europeia do distrito do Araranguá, lá pelo final dos anos 1700, eram pessoas de poucos recursos, procedentes sobretudo de Laguna, na maior parte imigrantes açorianos ou seus descendentes. Essa gente se dispersou ao longo do litoral, morando em casebres isolados e precários, situados entre restingas e dunas de areia e à sombra – em parte benfeitora e em parte hostil – das sesmarias dos grandes senhores.

Sobreviviam de suas pequenas hortas, da coleta de frutos silvestres, da caça e da pesca, bebiam água salobre e padeciam de malária, varíola, tifo, febre amarela e vários tipos de verminoses.

Ao iniciar-se o século dezenove, essas pessoas eram já em número suficiente para que surgissem os primeiros núcleos de povoação no litoral e mesmo no interior do vale do Araranguá. O primeiro desses núcleos foi o de Barra Velha, junto à antiga desembocadura do rio, que em 1837 contava com cerca de 60 casas habitadas e aproximadamente 700 habitantes, quase todos brancos, e talvez uns poucos “índios civilizados” (isto é, assimilados), além de um pequeno número de negros e pardos, escravos ou livres.

Nas décadas seguintes, porém, a colonização tomou um forte impulso para o interior, onde começavam a instalar-se as primeiras fazendas produtoras de milho, feijão, favas, cana-de-açúcar e, sobretudo, mandioca. Entre 1840 e 1850, boa parte da população de Barra Velha migrou para a zona situada na confluência do Rio dos Porcos com o Araranguá, onde

logo se formou um novo e importante povoado, que mais tarde viria a ser chamado Cangicás. Nesse povoado nasceu, em 1848, a freguesia do Araranguá.

Mais ao oeste do vale surgiram outros núcleos de povoação. Um deles, chamado então “Itaipabas”, situado nas cercanias dos rios Turvo e Amola-Faca em sua junção com o Araranguá, existia talvez inclusive antes de Barra Velha, por ser desde o século dezesete a encruzilhada dos principais caminhos terrestres que subiam e desciam da serra e a uniam com a “estrada do mar” ou “da costa”.

Desde essa época, o rio Araranguá era navegado internamente por pequenas embarcações que transportavam pessoas e cargas do litoral às Itaipabas e daí, por terra, até à serra. Ao longo dos anos, alguns portos naturais – os mais frequentados na rota dos primeiros navegantes fluviais – acabaram se convertendo em “ancoradouros”, ao redor dos quais surgiram casarões e aldeias, dando início ao povoamento dos que viriam a ser futuramente os bairros Cidade Alta e Centro do município de Araranguá.



Esses dois lugares, situados em pontos especialmente favoráveis para estabelecer a comunicação entre as vias de transporte terrestre e fluvial e, portanto, estimular o comércio; favorecidos também por sua posição elevada, seca e arejada, ao abrigo das frequentes inundações do rio Araranguá e menos sujeita às enfermidades típicas das zonas pantanosas; rodeados ao oeste e noroeste pelas férteis campinas ribeirinhas, com fácil acesso à água pura e às principais fontes de matéria-prima, acabaram por formar uma unidade e converter-se, já a meados do século dezenove, em um importante polo econômico que em poucas décadas superaria ao das Cangicas como centro aglutinador e político da freguesia.

Circunstâncias especialmente benéficas, como a eclosão da guerra do Paraguai, favoreceram a expansão da cultura da mandioca e do fabrico da farinha, desde sempre o principal produto da economia local. Acompanhando es-

sa expansão, ganhou impulso a navegação do rio Araranguá, e a freguesia pôde desfrutar do seu período de maior prosperidade econômica.

Na esteira dessa prosperidade surgiram seus correlatos. Houve um aumento da população em geral e o desenvolvimento de uma sociedade urbana, com seu centro político, cerimonial e jurídico-legal espacialmente distribuído ao redor da praça (ou mercado). Ao mesmo tempo, houve uma maior concentração do capital e da propriedade privada, principalmente do solo, e consolidou-se uma classe política dirigente, integrada por funcionários, comerciantes, empresários e proprietários de terra.

Surgiu uma pequena classe média composta de funcionários, lavradores independentes e alguns trabalhadores especializados. Mas também tornou-se mais visível, apesar da possível redução em números absolutos, uma população pobre, porém não miserável, de camponeses, pescadores, caçadores e outros trabalhadores

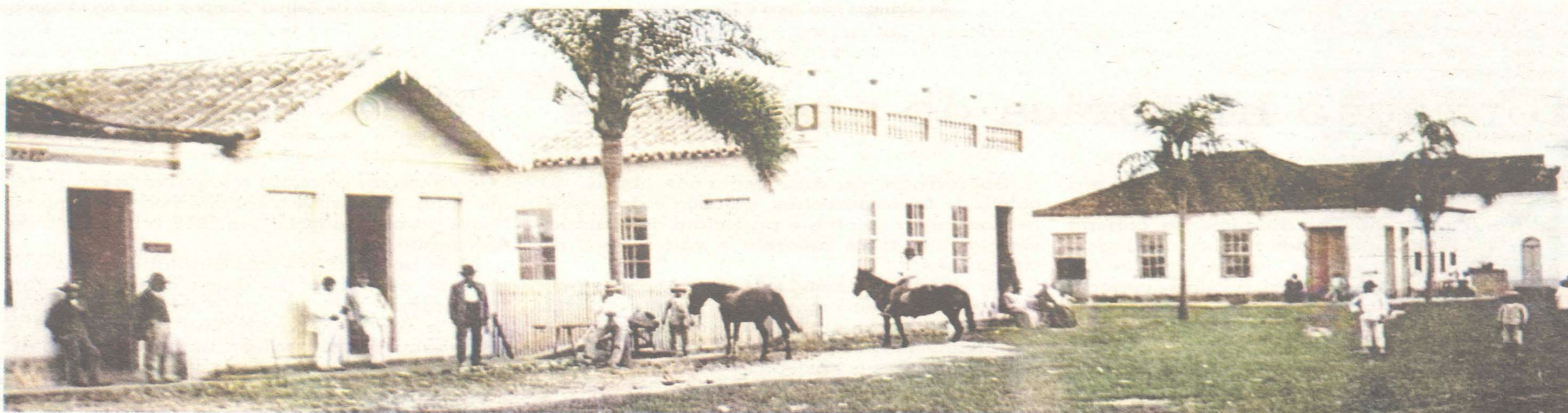
livres – os quais se integravam ao conjunto da comunidade vinculando-se aos mais ricos, em uma situação de dependência, através de laços de compadrio e apadrinhamento.

No lado mais frágil da sociedade, houve o crescimento da população não livre e a expulsão definitiva dos habitantes nativos remanescentes para as zonas mais interiores da freguesia.

A lenta, porém contínua, expansão dos meios e serviços de comunicação e transporte, e o tímido desenvolvimento da infraestrutura básica de educação e saúde foram moldando o caráter e a imagem da cidade que nascia.

Acima e abaixo, fotografias da Vila de Araranguá na virada do século XIX para o XX, de Bernardino de Senna Campos (coloridas por computador).

Este e todos os demais textos deste número especial de Via Lateral foram extraídos do livro *História do Vale do Araranguá*, de Wanderlei S. Gomes Junior.



apoio cultural:

Diana Gomes
Psicóloga
CRP 12/01403

atendimento
online
(48) 99928 5460

ABIMAR
SUPERMERCADOS
VAREJO E ATACADO



jesuítas e carijós no rio araranguá (1605)

Com os chapéus enfiados até as orelhas, de cabeça baixa, forçando o passo, protegendo os olhos e a boca da areia fina que o forte vento que sopra do sul lança contra eles, dois obstinados padres jesuítas caminham em silêncio pela praia, rumo à barra do rio Araranguá.

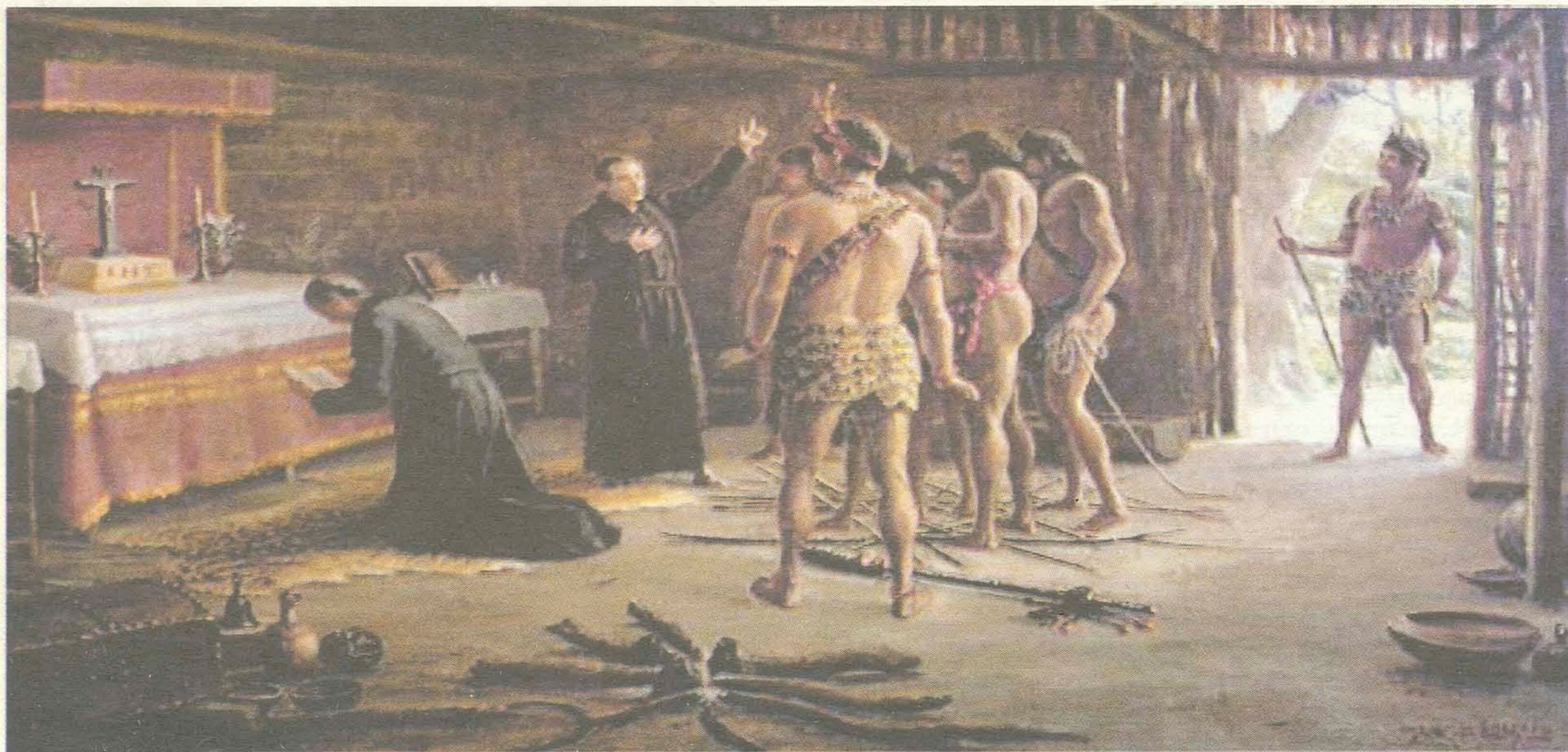
Acompanhados de um grupo de indígenas fiéis, tinham saído de Laguna — onde haviam se estabelecido fazia alguns meses — com o propósito de convencer ao mais influente dos carijós, um feiticeiro ao que admiravam e desprezavam, a abandonar as erradas crenças em que vivia e permitir ao seu povo receber a luz salvadora dos Evangelhos.

Apesar do vento, aquele dia do início de outubro de 1605 não fazia frio. O sol brilhava em todo o seu esplendor no céu azul, e as batinas pretas dos padres eram na verdade um estorvo que não combinava nem com a ocasião nem com a estética, mas que não podiam dispensar. Um desses homens determinados era o padre João Lobato, que havia sido encarregado, pelo superior da Companhia de Jesus no Brasil, de uma missão de catequização dos carijós — ou carios, ou cariós, ou patos, como eram chamados pelos portugueses os indígenas tupi-guaranis que habitavam o litoral do sul da colônia. O outro era o padre Jerônimo Rodrigues, que o acompanhava como subordinado.

Rondavam ambos os cinquenta anos, uma idade com que naquela época uma pessoa podia ser considerada um ancião, mas eram homens fortes e vigorosos, capazes de enfrentar e superar as mais duras provas, como já tinham demonstrado com sobras desde que, no início daquele mesmo ano, haviam partido do porto de Santos e, depois de uma dura marcha a pé ou navegando em precárias e perigosas canoas, chegaram ao porto de dom Rodrigo, o litoral dos atuais municípios de Laguna e Imbituba, onde levantaram com quatro paus um casebre que servia de morada e de igreja.

Nas proximidades da barra do Araranguá, os padres encontram alguns nativos que sabiam de sua chegada — pois a voz corria entre os carijós. Havia vindo para rezar uma missa, ensinar àqueles índios do extremo mais meridional da colônia portuguesa a doutrina da igreja, e converter alguns deles ao cristianismo; ou, nas palavras do padre Jerônimo, salvar algumas almas.

Embora os padres saibam que os carijós não têm chefes — coisa que muito lamentam —, sabem também que há entre eles alguns homens proeminentes, que se destacam por qualquer habilidade especial ou por ter realizado alguma



Anchieta e Nóbrega na cabana de Pindobuçú, cena idealizada envolvendo nativos do Brasil e os mais famosos jesuítas do período colonial, pintada por Benedito Calixto em 1927.

proeza, e que por isso gozam de grande prestígio e exercem certa influência sobre os demais. Dentre estes, nenhum tem mais fama que o chamado Tubarão.

Segundo o relato escrito mais tarde pelo padre Jerônimo, Tubarão era um feiticeiro, ou seja, um pajé, homem versado em ervas e remédios naturais, mistura de curandeiro e médico. Além disso, Tubarão possui “três ou quatro irmãos, todos feiticeiros”, dos quais parece ser o “principal”. E embora desde o princípio manifestem o maior desprezo ao feiticeiro carijó, sabem que sem o seu beneplácito dificilmente conseguirão transmitir sua doutrina nem, muito menos, convencer algum nativo a se converter, isto é, a aceitar o batismo.

Os pajés — figuras presentes entre todos os povos nativos do continente americano — costumavam viver afastados, levando uma vida secreta e misteriosa, praticamente escondidos entre as matas, acompanhados somente de suas mulheres e seus filhos. Os padres logo ficam sabendo que Tubarão se encontra a umas cinco ou seis léguas dali, mais para o interior, junto a uma grande lagoa (que é, talvez, a do Sombrio, cuja extensão era bem superior à que possui hoje).

Nessa época, portugueses, espanhóis e outros europeus ancoravam seus navios nas proximidades dos rios Araranguá e Mampituba

para realizar o que chamavam “resgate”, isto é, o comércio de seres humanos, a compra de indígenas capturados e vendidos por outros indígenas. Tubarão, segundo o relato do padre Jerônimo, é também um dos mais terríveis caçadores de índios, “a quem os brancos fazem muito caso, porque estes lhes enchem os navios de peças”, e por essa razão é ainda mais respeitado e temido.

É bem possível que essa apreciação nada favorável do padre Jerônimo seja, ao menos em parte, verdadeira. No entanto, também é bastante provável que suas palavras exagerem um pouco o papel do pajé e estejam carregadas do desprezo que sente por todos os indígenas e, em especial, por aquele que, por ser o guia espiritual do seu povo, não podia deixar de ver como um adversário. E o fato de que Tubarão não os tenha recebido com a subserviência que julgavam merecer certamente acentuou o despeito do jesuíta.

Mas os padres não haviam caminhado desde Laguna para voltar com as mãos abanando. Decidem, então, ir ao encontro do feiticeiro. Assim, passando “grande perigo”, atravessando matas e banhados, chegam ao lugar onde Tubarão tinha sua cabana, às margens da grande lagoa. Dentro dela, quatro redes armadas, numa das quais senta-se ele, o temido e venerado Tubarão.

apoio cultural:



Clínica Materno Infantil Aliano

Dr. Ricardo Aliano

CRM/SC 3918 | RQE 1016 e 1017

Ginecologista - Obstetra

Dra. Magda Lena Aliano

CRM/SC 4050 | RQE 1018

Pediatra



Caetano Lummertz, 456 - Conj. 210/212 Centro Executivo Araranguá

99921-9918

3522-1556

⇒⇒⇒ O padre Jerônimo não perdoa sua bizarra aparência: “como raposo, vestido em uma marlota azul” [espécie de capote pequeno] feita da “pele de algum pobre índio”, escreve. Coberto com uma manta listrada e chapéu na cabeça, totalmente nu da cintura para baixo, a figura devia ter lá sua graça, inclusive entre os indígenas. E esse era certamente o efeito que Tubarão devia querer causar. O chapéu, presente ou pagamento dos traficantes de índios, significava prestígio e expressava poder, pois lembrava a todos os vínculos do pajé com os homens que faziam resgate.

Os padres entram e tomam assento. Tubarão, que nada tinha de tolo e, a essa altura da vida, sabia muito bem o que desejavam sempre os homens brancos, deixa os padres de molho por uns instantes. Sabia, também, como tratá-los com a altivez necessária para não ser avassalado por eles. Assim, em vez de atendê-los imediatamente, como eles esperavam, começa a conversar, “com muita gravidade” e sem a menor pressa, com um dos indígenas que os acompanham. Depois, fala ainda “outro pedaço com outro, convidando-os a seu modo, com certa beberagem” que dizem possuir muitas virtudes. O padre Jerônimo não oculta sua irritação: “E nós, como Joanines, ouvindo-lhe suas patranhas”, escreve. Na ótica do padre, as palavras do carijó eram *patranhas*, naturalmente, porque não se ajustavam à “verdadeira doutrina”, que era a que eles próprios pregavam.

Finalmente, Tubarão se digna a atendê-los. Aproxima-se deles com sua cabaça e senta-se em uma das redes. O padre João Lobato, por ser homem sensato, embora estivesse já bastante enfadado, domina seu desejo de levantar-se e sair (ou assim lhe pareceu ao padre Jerônimo, que é quem nos conta essa história) e explica em poucas palavras o motivo de sua vinda.

Que se eles “quisessem ser filhos de Deus”, disse, “e terem igreja, e Padres em suas terras, que se haviam de ajuntar, e deixar suas vendas, e suas matanças, por ser ofensa a Deus; e que os tapuias podiam [continuar a] vender, em troca de suas cousas”.

Parecia mais um ultimato que um convite. Tubarão, porém, não se deixa impressionar. Continua a sorver tranquilamente a beberagem “que uma das mulheres lhes estava dando”. Então, para escândalo dos jesuítas, começa repentinamente a urinar “na mesma rede em que estava assentado, junto ao Padre, muito de seu vagar”. Depois, já aliviado, ou já tendo comunicado uma mensagem que os jesuítas certamente não tinham entendido, o pajé diz ao



Desenho retirado de um livro do século XVII, colorida por computador.

padre João que ficava feliz de sua vinda, e que ele não se preocupasse, porque muito em breve se juntaria a eles. Mas não imediatamente, acrescenta, pois antes precisava fazer duas guerras na Laguna dos Patos.

Os visitantes se levantam para sair. Porém, antes de deixar a cabana de Tubarão, o padre Lobato lhe pergunta se um menino, que rondava por ali entre eles, era um de seus filhos. Tubarão olha para o padre e responde de maneira rude:

— Sim, para vocês o açoitem.

Com isso, na opinião nada favorável do padre Jerônimo, o que o pajé queria dizer era que logo venderia também seu filho aos brancos, pois era capaz de vender qualquer um em troca de resgate, benefício. Não recolheu a carapuça de traficante que o pajé talvez houvesse querido lhe colocar. Ou, quem sabe, o que Tubarão estivesse realmente querendo dizer era que já não havia outro futuro aos carijós, a não ser o de tornar-se escravos dos brancos.

Essa história não acaba aqui. Na verdade, esse é apenas o início. Leia o resto no livro *História do Vale do Araranguá*.

livros para ter e presentear



História do Vale do Araranguá (1605-1883)

em 2 volumes com mais de 300 páginas
de agradável leitura!
Conheça e emocione-se
com a história de nossa terra!
Ilustrada com imagens e mapas antigos
inéditos e a cores

Apenas \$135,00 os dois volumes

Não fique sem a sua!

Adquira diretamente com o autor
pelo whatsapp (48) 99985-3618

apoio cultural:

Colégio

MURIALDO

A EDUCAÇÃO
DO CORAÇÃO

**MULTIPLICA
O BEM**



Cursinho

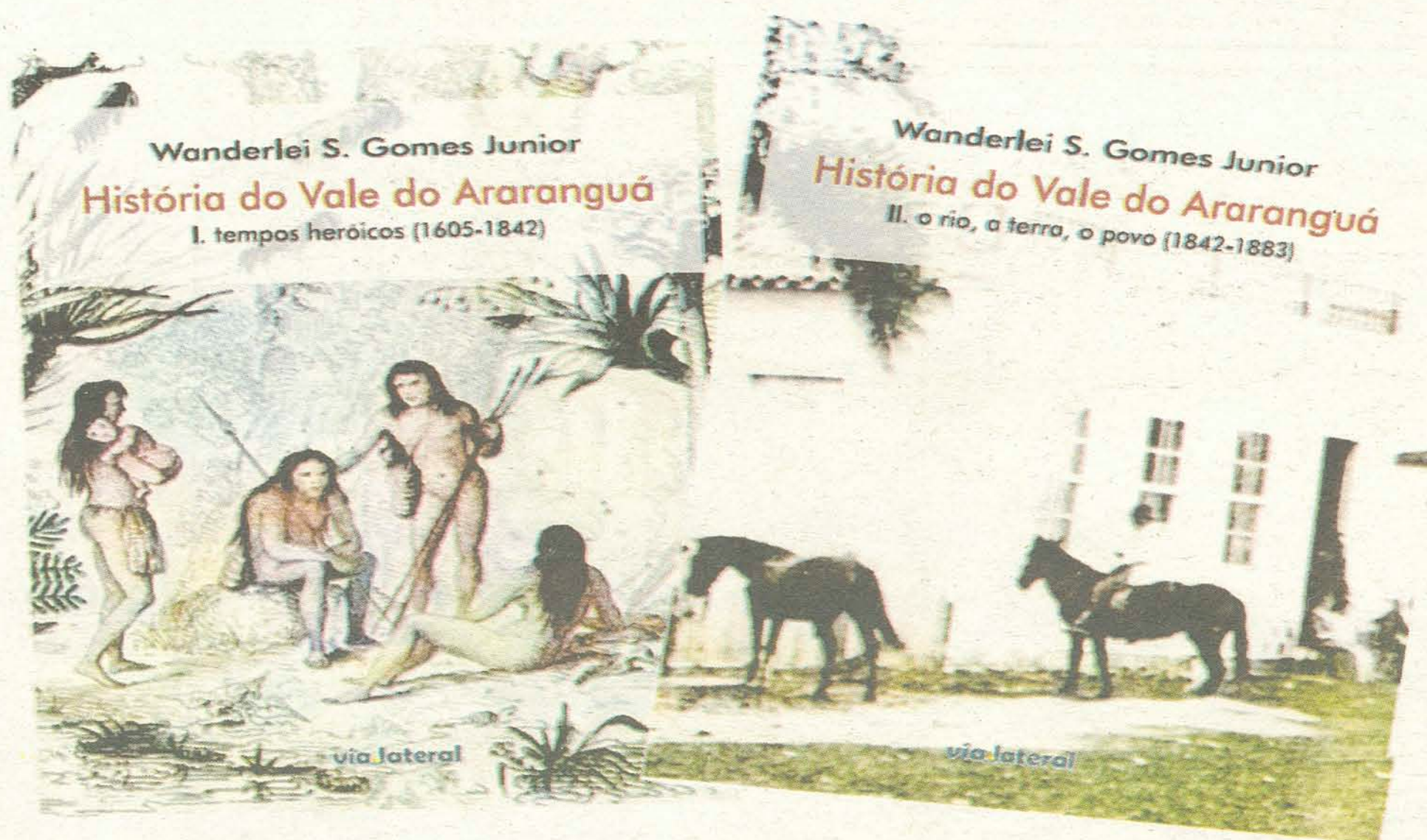
MURIALDO

Redação e Linguagens

48 99985 3618

colegiomurialdoararangua

livros para ter e presentear



História do Vale do Araranguá (1605-1883)

**em 2 volumes com mais de 300 páginas
de agradável leitura!**

**Conheça e emocione-se
com a história de nossa terra!**

**Ilustrada com imagens e mapas antigos
inéditos e a cores**

Apenas \$135,00 os dois volumes

Não fique sem a sua!

**Adquira diretamente com o autor
pelo whatsapp (48) ~~99130 1355~~
933002863**

“Na cerimônia de lançamento do livro, por cerca de duas horas o professor Wanderlei percorreu pausadamente sobre as duas obras, mantendo o público em atenção absoluta, pois seus relatos traziam à luz algo até então inédito, um Araranguá repleto de fatos curiosos e relevantes para a historiografia regional, estadual e nacional.

Depois de concluída a apresentação, cheguei em casa e me debrucei no primeiro volume, lendo-o com muita atenção e expectativa. Fui imediatamente dar uma vasculhada no índice e comecei a prestar a atenção nos temas e subtemas ali escritos. Esperava que fosse uma leitura truncada, desconexa e repleta de termos complexos que somente os historiadores mais experientes conseguiriam decifrar. Já na apresentação da obra todo o preconceito que ainda rodeava a minha mente foi se dissipando, transformando-se em encantamento avassalador pela brilhante escrita.

O modo como o historiador Wanderlei narrou os fatos, fugindo a certos estereótipos academicistas, transformou o que, imaginava, seria uma obra densa e chata em uma agradável construção poética da nossa intrincada história regional.

Não posso deixar de recomendar os dois volumes dessa obra a todos/as os/as professores/as da rede municipal, estadual e particular do município de Araranguá.

Jairo Ceza
Professor aposentado da rede pública estadual

Os leitores disseram:

“A leitura agradável e leve de suas obras me tornaram mais conhecedor das origens de nossa Araranguá.

Fiquei impressionado com a profundidade dos temas tratados, o que se fez com muito profissionalismo e estudo.

O que sabia de nossa “terrinha” era fruto de causos passados de geração em geração, depois enriquecidos pelas obras dos Padres Paulo Hobold e João Dall’Alba, mais as anotações de Bernadino de Senna Campos.

O seu trabalho de pesquisador foi muito além, causando impressão altamente positiva o exame que fez de mapas de época, fato que ignorava totalmente.

Agora já podemos dizer que Araranguá tem sua história, o que acontece a partir do trabalho de um pesquisador sério e metódico.

Sou muito grato pela oportunidade de ter viajado no tempo, de carona, em locomotiva guiada por mãos experientes e habilidosas.»

Jânio Machado
Desembargador aposentado do TJSC

“Já li o primeiro volume. Maravilhoso, estupendo, fantástico!»

Roberto Fernandes de Souza
Funcionário aposentado da CELESC

“Em primeiro lugar, parabéns por ter feito um trabalho de pesquisa para fundamentar sua escrita. Por “desromantizar” a questão do caminho dos tropeiros como a fator que por si havia dado início ao nosso povoamento. Também achei relevante não “endeusar” nomes de famílias tradicionais. Muito boa a análise da questão dos núcleos urbanos e de suas alterações ao longo do tempo. Ainda, o abandono e descaso dos governos com nossa cidade por várias décadas.

É muito importante conhecer o passado para compreender o presente.

Parabéns, parabéns, uma forte salva de palmas pelo livro!

Rodrigo Gründler
Advogado



Carta Cographica da Provincia de Santa Catharina (1842). Este mapa, produzido por José Joaquim Machado de Oliveira, que havia sido presidente da provincia de Santa Catarina em 1838, é um dos mais completos e detalhados feitos no século XIX. Como podemos observar, a

provincia se encontra "deitada", isto é, desenhada de sul a norte, e não de leste a oeste, como estamos acostumados. Isso era porque nessa época o território catarinense ocupava apenas o trecho entre o mar e a serra, além do município de Lages, no planalto.

souza faria, o desbravador do araranguá



Imagem obtida por IA, tentando retratar a expedição de Francisco de Souza Faria e seus exploradores.

Francisco de Souza Faria, o explorador que comandou, no início do século XVIII, a primeira expedição a atravessar o Vale do Araranguá, era, provavelmente, um homem simples, de extração humilde — embora não muito pobre, posto que sabia ler e escrever. Originário do norte de Portugal, Souza Faria conseguiu entrar para o exército português e adotar assim um modo de vida duro, porém relativamente estável, algo que era bastante raro, na época, para a maioria das pessoas.

Talvez fosse, também, um jovem de espírito aventureiro, que certamente havia ouvido falar das maravilhas da colônia de além-mar, onde homens destemidos encontravam infinitas riquezas, ouro, prata, esmeraldas e diamantes, e se enriqueciam da noite para o dia. Pois a sua foi a época do auge da mineração nas Minas Gerais, dos bandeirantes que desbravavam o sertão brasileiro à caça de indígenas para escravizar ou em busca das minas do Eldorado e da Serra das Esmeraldas, mitos e realidades que se mesclavam e embelezavam o imaginário português, atizando o coração e a ambição de quem não tinha nada a perder.

Em seus anos de serviço militar em Portugal, certamente mais de uma vez pensou em realizar a façanha quase impossível de atravessar o grande “mar oceano” e conhecer o maravilhoso Novo Mundo que abria suas entranhas aos homens intrépidos e audazes. Seja como for, o fato é que um belo dia Francisco de Souza Faria embarcou em uma nau portuguesa que atravessou o Atlântico e, não muitos anos depois, acompanhado de um bando de homens sem

história, abria uma picada que entrava pela desembocadura do rio Araranguá, atravessaria a golpe de facão léguas e léguas de matas virgens, cruzaria dezenas de rios e riachos até então sem nome, e após onze meses de penosa travessia alcançaria a Serra do Mar.

Durante oito anos, desde 1708 até 1716, Souza Faria serviu no Regimento de Entre Douro e Minho, no norte de Portugal. Passou então à cavalaria e, posteriormente, ao Regimento de Trás-Os-Montes, também no norte do país, em uma Companhia de Dragões. Depois disso, graças a uma licença concedida pelo rei D. João V, obteve um posto na Nova Colônia do Sacramento, possessão portuguesa no atual Uruguai, e em 1720 partiu para o Brasil, onde serviu por vários anos como Alferes em uma Companhia de Cavalaria, e “aonde se houve com grande zelo no serviço de S. Majestade”.

Durante seus anos ao serviço das armas portuguesas na Colônia de Sacramento, o alferes Souza Faria havia tratado de encontrar um suplemento ao seu soldo, como o faziam muitos outros, comerciando gado com os índios das redondezas e transportando-o até Laguna, por não haver um caminho pelo qual se pudesse chegar antes aos campos de Curitiba e a São Paulo. Graças a essa atividade extramilitar, Francisco havia aprendido o suficiente de alguns idiomas nativos e talvez também a chamada “língua geral” (uma língua de origem tupi, com mistura de português e espanhol, muito difundida na colônia nessa época), como para poder incluir esse conhecimento em seu currículo.

Não sabemos como Francisco travou conhecimento com o poderoso Antônio da Silva Caldeira Pimentel, capitão general da enorme capitania de São Paulo, que em sua época correspondia mais ou menos ao atual estado de São Paulo, parte do Mato Grosso e Goiás e todos os da região sul. Mas é mais do que provável que tenha sido por intercessão de algum dos vários oficiais aos quais serviu em Portugal e no Brasil. Seja como for, o fato é que Caldeira Pimentel julgou ver em Francisco o homem que precisava, e que já em tantos outros buscara, capaz de abrir o “caminho de terra do Rio Grande de São Pedro da Costa do Mar pela qual possam passar gados e cavalgadas para os campos de Curitiba”, um projeto que por então era essencial não apenas para garantir o trânsito de “gados e cavalgadas”, cujo destino final era o território das Minas Geraes, como também para assegurar a posse portuguesa das vastas planícies do sul da colônia.

Caldeira Pimentel valorizou de tal maneira a experiência de Souza Faria que o nomeou “Sargento-mor da vizinhança do Rio Grande de São Pedro e seus sertões, o qual servirá enquanto eu o houver por bem e Sua Majestade que Deus Guarde não mandar o contrário, e com o dito posto gozará de todas as honras, privilégios, liberdades, isenções e franquezas que em razão do dito cargo lhe pertencerem”.

Esperava e confiava que, por “sua grande atividade e inteligência que tem daquelas Campanhas até a Colônia, conhecimento e amizade com os índios com quem tem comecido, como o fazem algumas pessoas e ainda castelhanos que com eles conduzem gados e cavalgadas à Vila de Laguna”, Francisco de Souza Faria fosse o homem mais capacitado para abrir um caminho, “pela paragem que achar mais conveniente, possível, e fácil”, por onde se pudesse conduzir os gados e cavalgadas, que tanta falta faziam em outras partes da capitania, para os campos gerais de Curitiba.

Assim, com o documento de sua nomeação bem guardado na alforja, o sargento-mor partiu de São Paulo no dia 29 de setembro de 1727, rumo à vila de Santos, onde a expensas do tesouro real se munuiu de armas, pólvora, munição, ferramentas e 35 pessoas, entre índios e brancos, às suas ordens.

Conheça a emocionante odisseia de Farias e seus homens através da selva araranguense no livro **História do Vale do Araranguá**.

apoio cultural:

CONTABILIDADE
EDIO SILVEIRA
☎ (48) 3522 0034 ☎ 98444 0521

Dr. Ivan Holsbach
Pediatra
(CREMESC 2390)
☎ 99985-1495
☎ 3524-2483
Centro - Araranguá

SmartCell
Assistência técnica especializada
☎ 48 988448159
Bem em frente à prefeitura
de Araranguá
@smartcellararangua

Maísa Melo
hipnoterapeuta
@maisamelo_hipnoterapeuta
☎ 99625 1337

alcidino
JOALHERIA E ÓTICA
☎ 3524-1633

trabalhadoras e empresárias

O primeiro grande censo nacional brasileiro foi realizado pelo governo imperial em 1872. Pese a todas as suas imprecisões, devidas às dificuldades e limitações características da época, trata-se de um documento extraordinário, que proporciona muitos dados e informações sobre vários aspectos da sociedade brasileira e, o que é mais importante, freguesia por freguesia.

Em 1872, a população total da freguesia do Araranguá era de 5.142 habitantes. Destes, eram livres 4.843 indivíduos (12 estrangeiros), enquanto 299 pessoas (152 pardos e 147 pretos) não eram livres, ou seja, quase 6% da população estava submetida à escravidão. Havia ainda 43 pretos, 50 caboclos e 198 pardos livres (291 em total, também quase 6% da população total).

As mulheres eram 2.583, quase exatamente a metade da população. 2.440 delas eram livres e 143 não o eram. Os homens eram 2.559, dos quais 2.403 livres e 156 não livres.

Moravam em Araranguá 6 alemães, 1 inglês, 4 portugueses e 1 africano (livre). Dos não livres, 18 haviam nascido na África. Também moravam na freguesia 436 pessoas oriundas do Rio Grande do Sul e 30 de outras províncias do Império. Ou seja, mais de 90% da população havia nascido na freguesia ou em Santa Catarina.

No censo aparecem especificadas, pela primeira vez, as mulheres trabalhadoras. E, ao contrário do que se poderia pensar, quase toda a população feminina, livre ou não livre, jovem ou adulta, trabalhava.

Das 2.440 mulheres livres, aproximadamente um quinto (466) eram lavradoras. Este é um dado que fortalece a hipótese de que grande parte da lavoura era trabalhada em família. Apenas 7 mulheres, todas solteiras, eram costureiras, um trabalho que, ao parecer, deviam abandonar após o casamento. Muito interessante também é o fato de que 26 mulheres trabalhassem como *manufatureiras ou fabricantes* (20 delas eram solteiras). Esse dado é revelador porque o censo não inclui essas profissões na categoria das "manuais ou mecânicas" e sim na das "industriais e comerciais". Isso significa que essas mulheres eram ou donas do próprio negócio, ou exerciam um cargo de chefia.

Acreditamos que o primeiro caso é mais provável, pois as indústrias e comércios existentes

eram pequenas e com poucos empregados, e os chefes, gerentes, etc. deviam ser os proprietários — ou, no caso, as *proprietárias*. E ainda mais: nesse mesmo grupo se contavam apenas 16 homens (1 estrangeiro) — ou seja, duas de cada três pessoas ocupadas em profissões "*manufatureiras ou fabricantes*" eram mulheres.

A categoria das profissões industriais e comerciais incluía também, além das atividades manufatureiras e fabricantes, as de comerciantes, guarda-livros e caixeiros. Aqui, porém, as mulheres estão ausentes. São 30 homens, 4 dos quais estrangeiros. Parece claro que isso se devia ao fato de que comerciantes e caixeiros dirigiam estabelecimentos abertos à comunidade, negociavam e mantinham relações diretas e pessoais com fornecedores e compradores, com desconhecidos e com o público em geral, e muitas vezes precisavam viajar. Guarda-livros eram pessoas que tinham formação escolar, sabiam ler e escrever, ocupavam-se da contabilidade das empresas. É bastante provável, portanto, que as características intrínsecas a essas profissões, especialmente a mobilidade, o contato com desconhecidos e, no caso do guarda-livros, a alfabetização, tornassem o acesso a elas vedado às mulheres. Características que, por outro lado, não eram exigidas ou se podiam facilmente evitar no caso das profissões manufatureiras e fabricantes — embora continue a ser muito surpreendente a presença majoritariamente feminina.

Segundo o censo, havia somente uma professora (viúva) na freguesia do Araranguá. Apenas 10 mulheres (todas casadas) declaravam ter como profissão o serviço doméstico. Outras 4 eram *criadas ou jornaleiras* e 1.926 não tinham profissão definida (três eram alemãs, duas das quais, casadas). Apenas 29 mulheres — 1 de cada 84 — sabiam ler e escrever.

Das mulheres livres "sem profissão" (1.926), 76 eram viúvas, 1.294 solteiras e 556 casadas (casava-se a partir dos 15 ou 16 anos, mas casamentos desde os 12 anos não eram raros).

No entanto, havia 29 crianças do sexo feminino com menos de 1 ano de idade, 459 até 5 anos, 398 até 10, e 274 de até 15 anos — um total de 1.160 das mulheres solteiras "sem profissão". Restam, portanto, apenas umas 145, um número realmente pequeno. Mas "sem profissão" não



queria dizer que não trabalhassem de maneira nenhuma. Embora devesse haver, de fato, algumas nessa situação — porque não queriam e não precisavam —, boa parte dessas 145 devia ser de mulheres jovens e adultas que se ocupavam de "tudo um pouco" nos inúmeros afazeres cotidianos de uma família, cuidando da casa, das irmãs e irmãos, exercendo um sem fim de atividades que impediam uma classificação específica no censo.

Das 143 mulheres e meninas *não livres*, 120 trabalhavam na lavoura, uma no serviço doméstico, e as restantes 22 não tinham profissão incluída no censo. As meninas não livres em idade escolar — que, no entanto, como é evidente, jamais pisariam uma sala de aula — eram 47 (os meninos eram 50). Havia ainda 25 meninas e 16 meninos não livres de até 5 anos de idade.

Devemos, portanto, concluir que 22 dessas 25 meninas de menos de 6 anos eram as que "não tinham profissão", mas 3 delas tinham! Isto é, 3 *meninas menores de 6 anos de idade já trabalhavam de maneira a ser incluídas no censo na condição de lavradoras* (ou talvez apenas duas, e a terceira fosse a única escrava ocupada no serviço doméstico).

Apenas 11 meninas livres frequentavam a escola. No entanto, ainda não existia escola oficial para meninas. Meninas (e meninos) não livres, não é necessário repetir, nem em sonhos poderiam ir à escola. Assim, de um total de 1.403 crianças livres, meninos ou meninas, em idade escolar (dos 6 aos 15 anos), apenas 36 frequentavam a escola. Não é de surpreender, portanto, que dos 5.142 habitantes da freguesia de Araranguá, oito anos antes de sua emancipação, apenas 197 pessoas soubessem ler e escrever, ou seja, 1 de cada 26.

apoio cultural:




Ricardo
JÓIAS & ÓTICA

 99833 9796
Av. Getúlio Vargas, 191



TROFÉU MÉRITO Legislação e Gestão

Reconhecimento às pessoas que muito contribuíram com exemplos e ações de legislação e gestão em nosso município.

Sessão Solene:

Dia 09 de Dezembro às 19 horas
na Câmara de Vereadores de Araranguá.

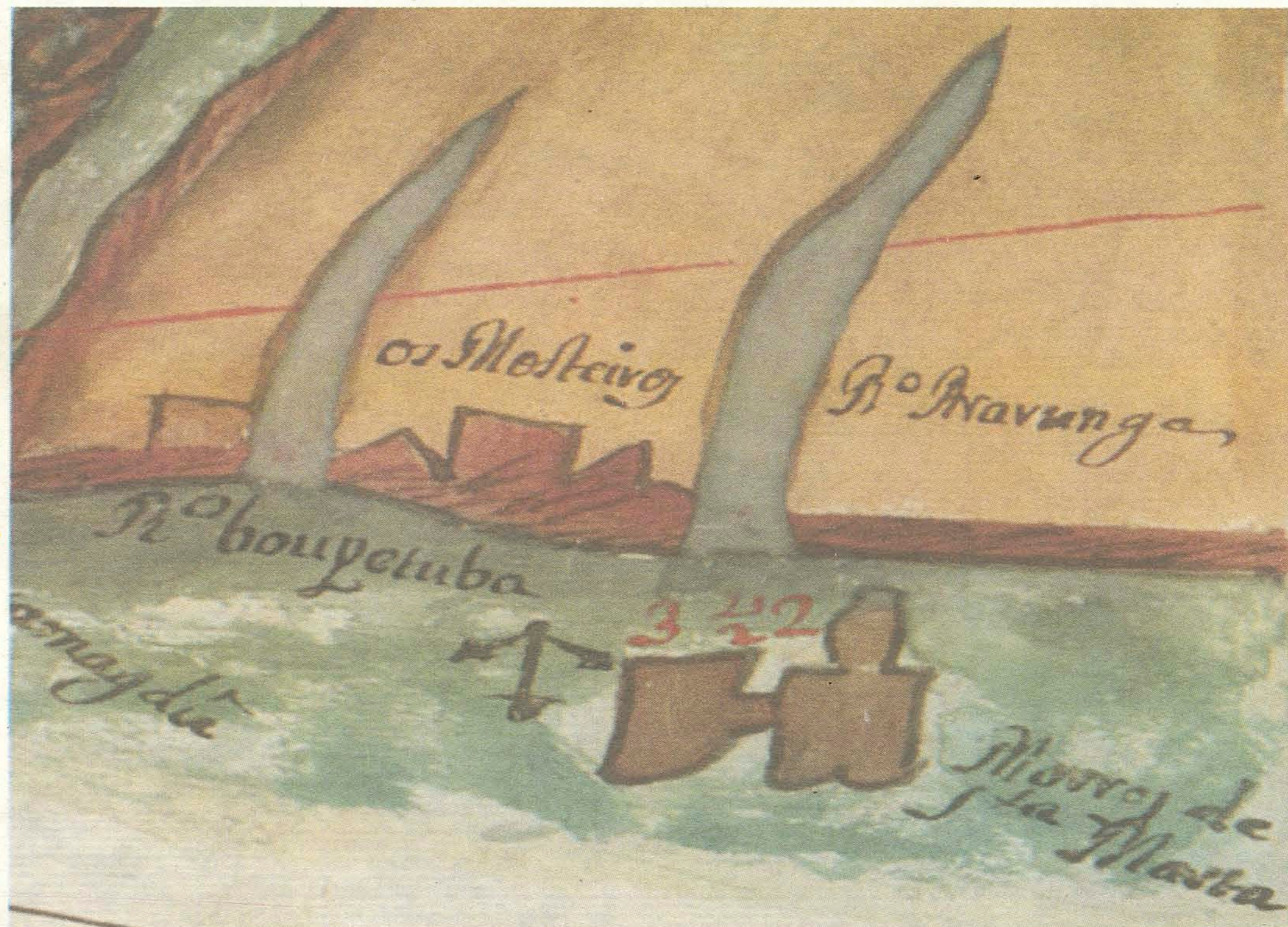
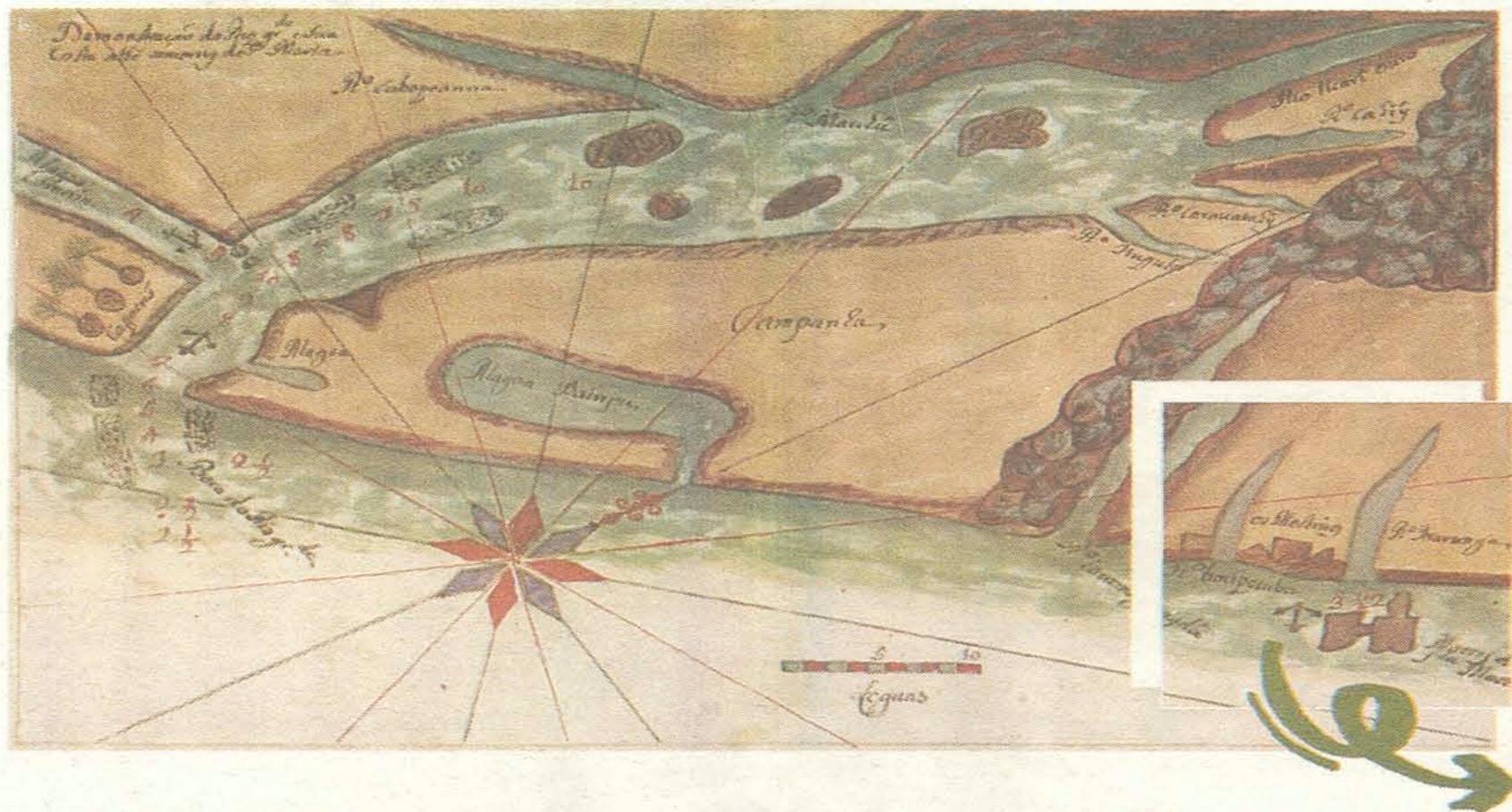


**CÂMARA DE VEREADORES DE
ARARANGUÁ**
De mãos dadas com a comunidade.

Acompanhe também em nossas redes sociais:

WWW.CMVA.SC.GOV.BR

f @CAMARAARARANGUA CMVA



Mapa (ou *Demonstração*) de Bartolomeu Pais de Abreu (1719). Nele vemos assinalado o rio Araranguá (Ararunga) e, na sua margem esquerda, "os Mosteiros". Talvez este seja o primeiro topônimo atribuído à bela montanha (falésia) que depois foi chamada também "Pedras-Mosteiro", "os Conventos" (ou simplesmente "Conventos") e, hoje, "Morro dos Conventos". Suas paredes íngremes e escarpadas, com fendas que recordam colunas e janelas, deve ter inspirado os primeiros exploradores a relacioná-la com os inúmeros edifícios religiosos que viam nas cidades européias das quais eram originários. Entenda um pouco melhor lendo o texto abaixo, extraído do primeiro volume da obra *História do Vale do Araranguá*, de Wanderlei S. Gomes Junior, recentemente publicada.

de mosteiros a conventos

No início de janeiro de 1816, ao regressar de uma viagem ao Rio Grande do Sul pela chamada "estrada da costa", isto é, pela praia, e talvez inspirado pelo agradável dia de verão à beira do mar, o bispo do Rio de Janeiro Silva Coutinho teve por um momento sua marcha para contemplar, pensativo, a magnífica falésia do Morro dos Conventos, que aparecia à sua frente.

As paredes íngremes e escarpadas da solitária montanha, com suas fendas que pareciam janelas e colunas, assim como o seu sugestivo topônimo, trouxeram à memória do bispo as ruínas de "antigos e magníficos edifícios, como a galeria ou a fachada do Convento dos Jerônimos em Belém".

Impressão semelhante, sem dúvida, a que tiveram os primeiros navegadores que singraram os mares do Novo Mundo. Pre ocupados em estabelecer os contornos do continente e assinalar em seus mapas de navegação os lugares que serviriam de orientação a outros, esses capitães de navio procuraram e deram nome aos pontos da costa que, por uma razão ou por outra, se destacavam da paisagem. Grandes baías, enseadas, barras de rio, ilhas e montanhas eram os principais acidentes geográficos aos que em seguida tratavam de nomear.

Também os exploradores que se aventuravam por terra registravam em seus mapas — aos que chamavam "Demonstração", como é o caso do que ilustra esse texto —, os acidentes geográficos que lhes serviam e serviriam de orientação, apropriando-se dos nomes utilizados pelos habitantes originários ou, na falta destes, batizando-os conforme lhes parecia mais adequado ou lhes sugeria a imaginação.

De fato, a imaginação desses exploradores e navegantes foi o que lhes fez ver, na larga mon-

tanha que se ergue junto à foz do rio Araranguá, a imagem de imponentes edifícios religiosos.

Assim como identificaram as duas esguias falésias localizadas mais ao sul, junto à barra do Mampituba, como *As Torres*, começaram a chamar a do rio Araranguá de *Mosteiros*, *Pedras-Mosteiros* e *Conventos*.

O fragmento do mapa (ou *Demonstração*), que reproduzimos aqui foi desenhado pelo bandeirante Bartolomeu Pais de Abreu em 1719. Como você deve ter observado, nele o explorador assinalou, como marcos de referência, o rio Araranguá (*Ararungas*) e os *Mosteiros*.

Esse foi, provavelmente, o primeiro nome dado à montanha por um explorador português. Os topônimos *Mosteiros* e *Pedras-Mosteiros* também aparecem em algumas obras escritas por autores franceses no século XIX, como na de Milliet de Saint-Adolphe, na qual podemos ler: "Pedras-Mosteiro ou Conventos: Nome posto a dois serros de penedia da costa do Brasil, entre a província de São Pedro do Rio Grande e a de Santa Catarina, os quais vistos de longe dão visos d'um mosteiro".

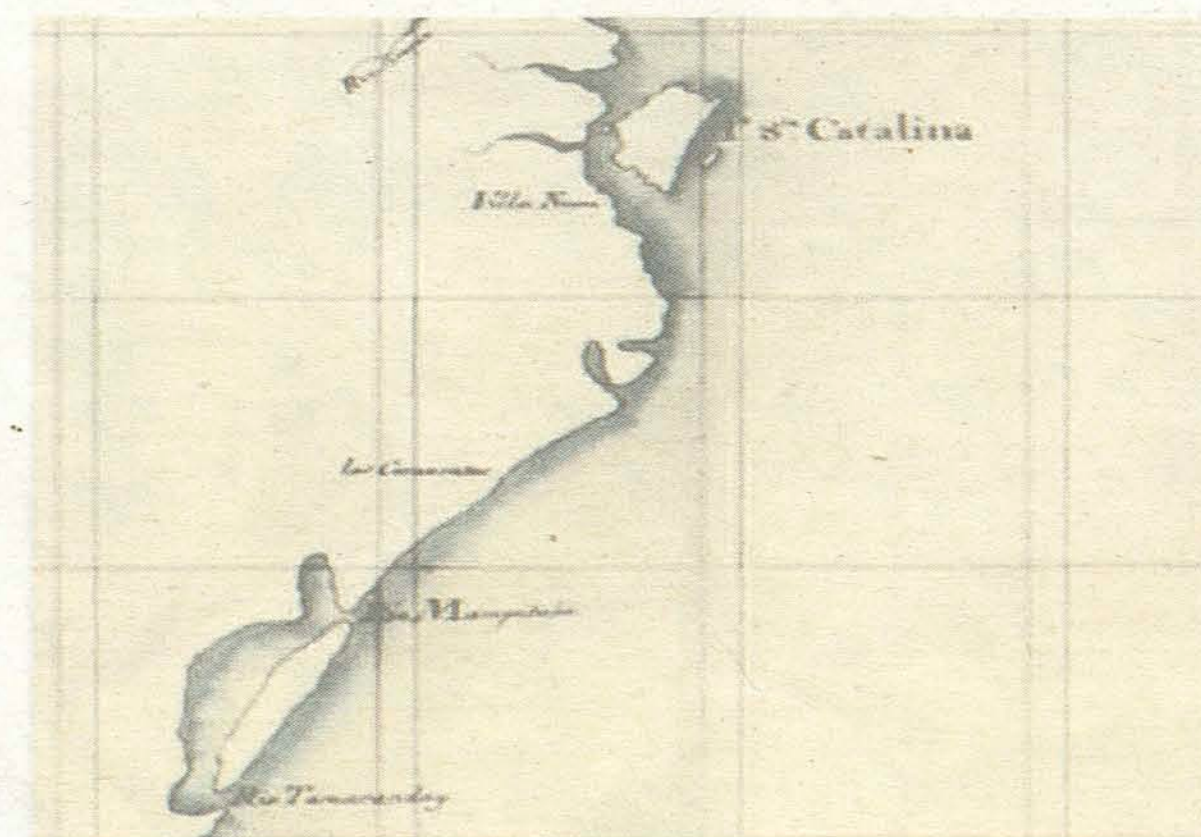
Outro autor francês, V. L. Baril, escreve que o rio Araranguá "entra no mar por 29° 11' de latitude entre os montes Pedras e Mosteiros".

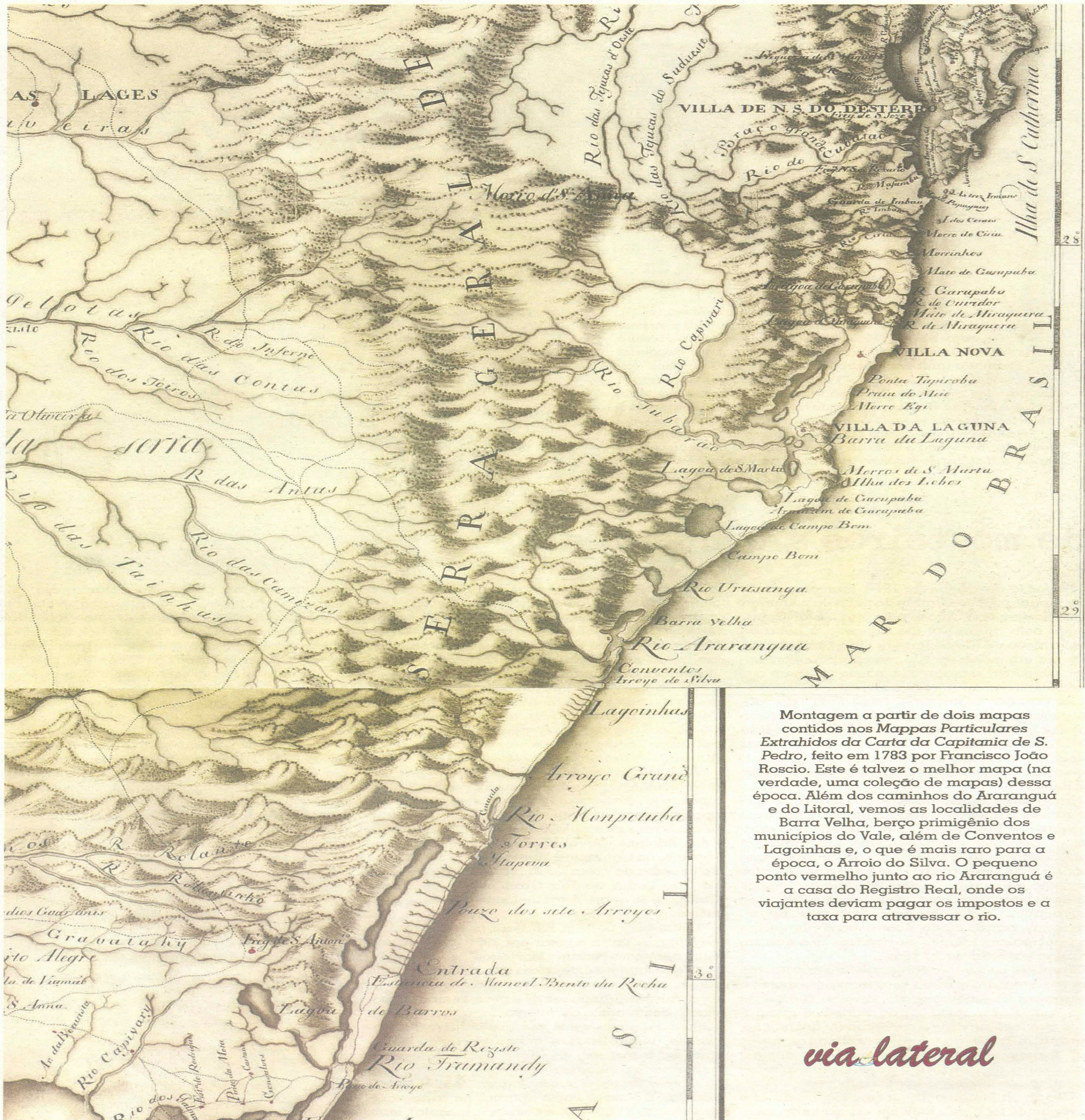
O que importa é destacar que, desde antes de ser habitada, ela própria ou suas cercanias, a montanha araranguaense esteve sempre associada, como ponto de referência, à ideia de um *edifício religioso*, tanto por exploradores, navegantes, naturalistas e outros viajantes portugueses, franceses, ingleses, espanhóis e de outras nacionalidades.

Com o tempo, o nome *Conventos* se fez mais popular. E é assim como aparece na cartografia dos séculos XVIII e XIX, às vezes no singular, mais

normalmente no plural. No entanto, em 1829 Miguel de Brito, que escreveu uma importante obra sobre Santa Catarina, advertia: "Em toda a Capitania não há Convento, nem Hospício algum das Ordens regulares, quer de um, quer de outro sexo". O nome do Morro dos Conventos, portanto, nada tem a ver "com ventos" nem com qualquer edificação (religiosa ou não) que algum dia tenha existido.

O mapa abaixo (fragmento), da *Costa do Brasil desde Cabo Frio à Lagoa dos Patos*, feito na mesma época da *Demonstração* de Bartolomeu Pais de Abreu, por um autor espanhol desconhecido, é o primeiro registro cartográfico que encontramos com o topônimo *Conventos* (*Los Conventos*). É possível que todos os nomes mencionados neste artigo fossem usados indistintamente ao princípio, prevalecendo depois o último.



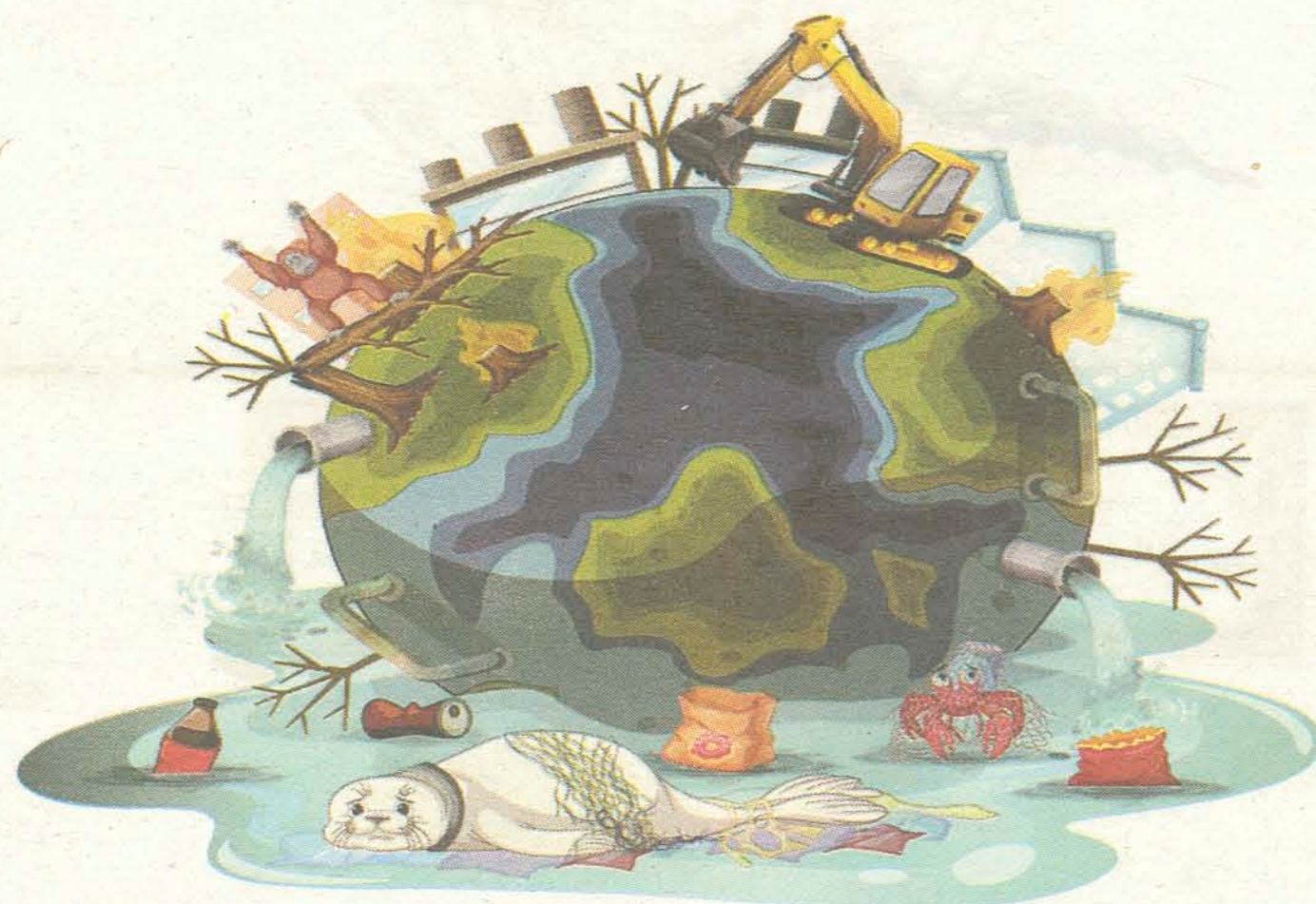


Montagem a partir de dois mapas contidos nos *Mappas Particulares Extrahidos da Carta da Capitania de S. Pedro*, feito em 1783 por Francisco João Roscio. Este é talvez o melhor mapa (na verdade, uma coleção de mapas) dessa época. Além dos caminhos do Araranguá e do Litoral, vemos as localidades de Barra Velha, berço primigênio dos municípios do Vale, além de Conventos e Lagoinhas e, o que é mais raro para a época, o Arroio do Silva. O pequeno ponto vermelho junto ao rio Araranguá é a casa do Registro Real, onde os viajantes deviam pagar os impostos e a taxa para atravessar o rio.

via lateral

tá ligado?

via lateral kids & teen [n. 6]



NÃO É PRECISO SALVAR O PLANETA!

NÃO? Como assim? A gente não ouve o tempo todo que a terra está em perigo, que é preciso salvar o nosso planeta? Ouve, sim. Mas tá errado. É isso aí mesmo: **O PLANETA NAO PRECISA SER SALVO**. Não é preciso salvar o planeta. Se a sua preocupação é essa, fique tranquilo. A **TERRA**, a casa que habitamos, é capaz de se cuidar sozinha, não precisa de nossa ajuda, muito obrigado. Ela já passou por catástrofes de todo tipo,

MUDANÇAS CLIMÁTICAS,
aquecimentos globais,
choques com asteroides,

e para ela, a terra, isso não é nada. Ela resiste, **muda, esquentando, esfria...** e **CONTINUA**.

Uns poucos milhõezinhos de anos não são nada para um planeta. E a vida continua também. Desde que surgiu, há uns **3.500.000.000 (TRÊS BILHÕES DE ANOS)**, A VIDA SEMPRE SEGUE ADIANTE,

MUDANDO SEMPRE, CONFORME MUDA O PLANETA.

MAS NÃO SE ACABA.

Então, o que é preciso salvar não é o planeta.

O que

PRECISAMOS SALVAR É A NÓS MESMOS.

aos seres humanos, **NÓS É QUE ESTAMOS EM PERIGO, NÃO A TERRA!** Frágeis como somos, não vamos poder viver no planeta se continuarmos a destruí-lo como temos feito até **agora**.

Claro que, enquanto isso, a gente pode acabar com muitas outras formas de vida também, com

outras espécies vivas

que não têm culpa nenhuma pelo que está acontecendo.

O certo, porém, é que aconteça o que acontecer, a terra vai continuar **RODANDO** pelo espaço com a mesma tranquilidade com que sempre rodou, e não está nem aí se o ser **humano** não sabe se comportar.

Lembre-se: **O QUE É PRECISO SALVAR É A HUMANIDADE!** Proteger o meio ambiente, é nele e com ele que vivemos, e se ele muda demais, não sobrevivemos.

A terra existe há **4.500.000.000** (quatro bilhões e quinhentos milhões de anos), a vida existe há **3.500.000.000** (três bilhões e quinhentos milhões de anos), nossos ancestrais do gênero **HOMO**, ao qual pertencemos, há **2.500.000** (dois milhões e quinhentos mil anos), e nós, o **HOMO SAPIENS**, há uns **200.000 (DUZENTOS MIL ANOS)**, quase nada... A terra e a vida não precisam de nós para seguir adiante.

NÓS É QUE PRECISAMOS DA TERRA,

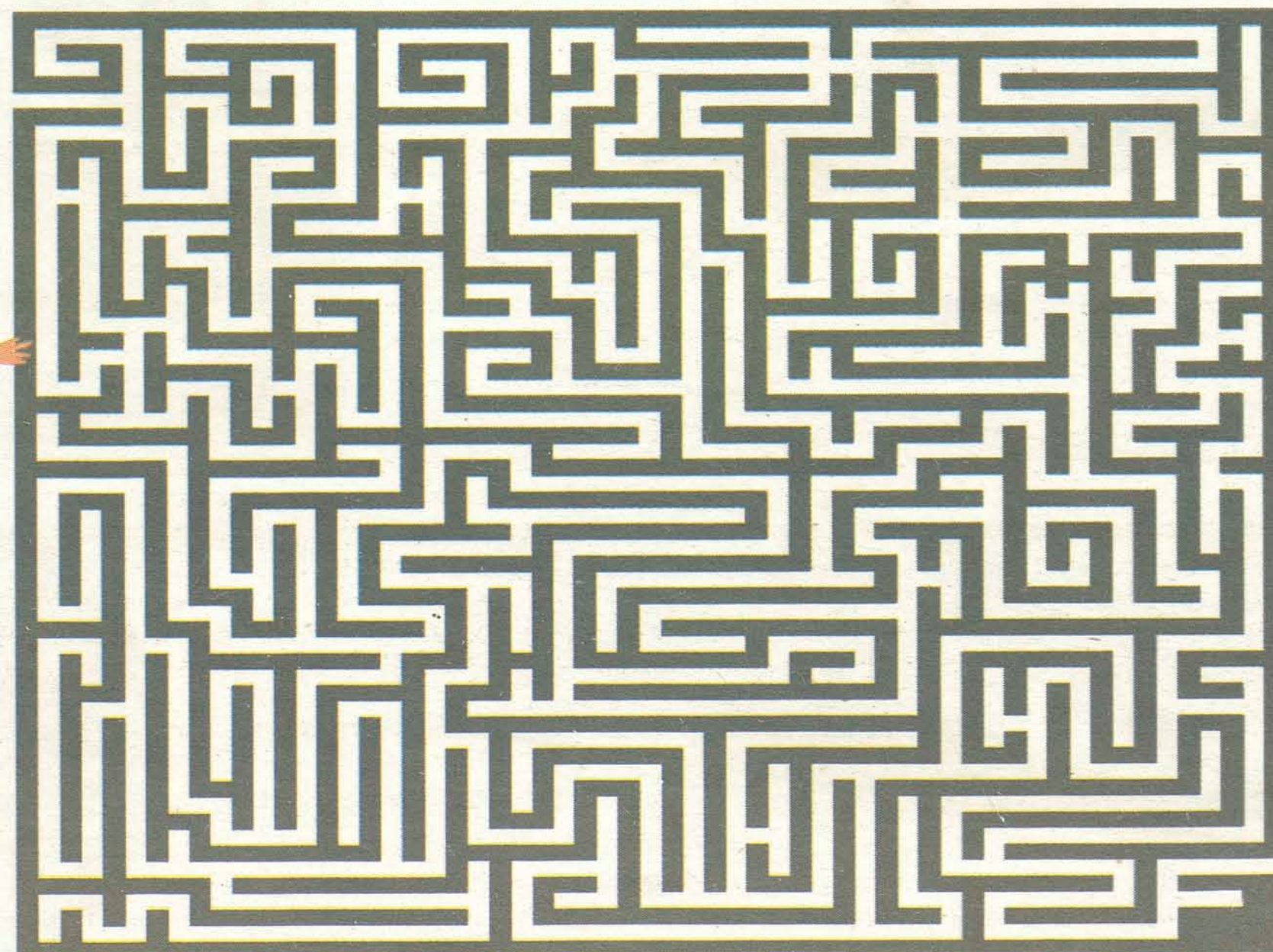
e precisamos dela do jeito que ela é hoje (ou até um pouco melhor), pois só assim poderemos sobreviver e continuar por algum tempo essa nossa

longa jornada através do **UNIVERSO**.

LABIRINTO

**ESTE É PARA
PROFISSIONAIS!**

**QUEREMOS VER SE
CONSEGUE FAZER O GOL!**



UM MAPA DO BRASIL DE 1519 !

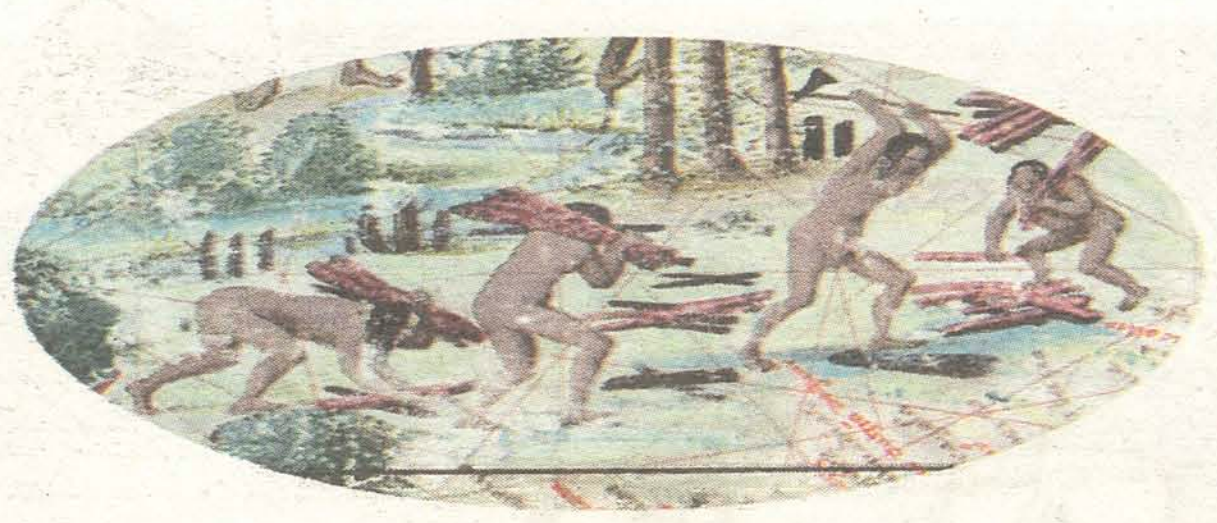


Você já tinha visto o Brasil assim desse jeito? Esse é um mapa muito antigo, feito em 1519, pouco depois do navegante português **Pedro Álvares Cabral** ter chegado à América e «descoberto» o Brasil. Descoberto para os portugueses, claro, porque o território que hoje é o Brasil já era habitado por milhões de pessoas fazia milênios. Aliás, você já deve saber que essa gente que morava aqui foi chamada de **índios** por **Cristóvão Colombo**, outro navegante, mas italiano, o primeiro europeu a chegar à América. Colombo pensava ter dado a volta na terra e alcançado as **Índias** (o oriente), e por isso chamou os habitantes nativos de índios, e é assim que a maioria das pessoas continua a chamá-los.

Bom, esse mapa foi confeccionado por encomenda do rei de Portugal dom **Manuel I**, a um grupo de **cartógrafos** (pessoas que fazem mapas ou cartas) e a um ilustrador holandês que, como você pode comprovar, era um baita desenhista. Olhe bem essas caravelas ampliadas aqui abaixo. Veja como o ilustrador, chamado **Antônio da Holanda**, apesar do reduzido espaço que tinha, se esforçou (e conseguiu!) fazer desenhos cheios de detalhes. A gente pode ver exatamente como era uma **caravela** portuguesa, com o casco bem definido, as velas abertas ao vento, as gáveas (onde ficava o gavião, a pessoa que gritava «Terra à vista!» quando avistava terra), o cordame todo, as cruces e as cores da Coroa portuguesa. Tudo num espaço pra lá de minúsculo. Não é incrível?



Percebeu que no mapa aparecem esses indígenas completamente nus? Sabe por que eles não usavam roupa? Muito simples! Porque, em primeiro lugar, não precisavam, pois o calor dos trópicos é de rachar. E, em segundo, porque eles não tinham preconceitos nem consideravam pecado andar pelados. Tanto é assim que **Pero Vaz de Caminha**, o escrivão da expedição de **Pedro Álvares Cabral**, deixou uma carta na qual ele diz que os índios andavam por aí sem esconder «as suas vergonhas», e eram inocentes como os primeiros habitantes do



Paraíso. No mapa dá para ver que eles estão cortando troncos de árvores. Era o **pau-brasil**, uma planta da qual se extraía uma resina tão vermelha quanto a brasa, e muito valiosa, porque naquela época não era fácil como hoje produzir tinta, e menos ainda a vermelha. Essa árvore, por causa da resina cor de brasa, foi chamada pau-brasil, pois **brasil** é um adjetivo que significa exatamente isso: da cor da brasa. E daí vem o nome do nosso país! Você sabia



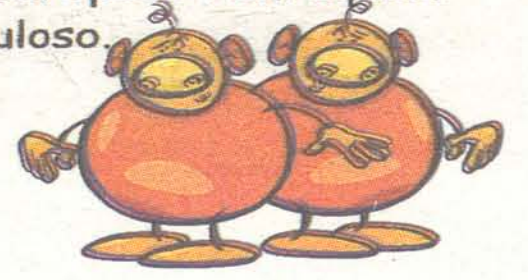
chamado Novo Mundo era um lugar muito, mas muuuito estranho para os europeus. Os pássaros multicores, as selvas impenetráveis, os animais bem diferentes dos que existiam na Europa, os indígenas com seus costumes incompreensíveis e seu aspecto surpreendente, tudo lhes parecia tão bizarro que rompia todos os limites da imaginação. E assim, os exploradores já não sabiam mais onde terminava a realidade e onde começava a fantasia. Em suas cartas náuticas juntavam o que existia e o que não existia como se naquele mundo novo nada fosse impossível.

Nas bordas e outras partes desse luxuoso mapa eram feitas **iluminuras** de ouro. Não com tinta dourada, não. Com ouro mesmo, e do melhor. Era uma maneira de ressaltar a grandiosidade da Coroa Real Portuguesa.



A parte geográfica desse mapa foi feita pelos cartógrafos **Pedro Reinel** e seu filho **Jorge Reinel** e por **Lopo Homem**, e as miniaturas por **Antônio de Holanda**. Além desse, o rei D. Manuel havia encomendado outros sete mapas. Com o tempo, o conjunto inteiro foi parar, não se sabe como, na loja de um livreiro de Santarém, uma pequena cidade perto de Lisboa, em Portugal. Em 1855, foi comprado por um colecionista chamado **Emmanuel Miller**, razão pela qual é conhecido como o **Atlas de Miller**. Quando esse senhor morreu, sua viúva vendeu a coleção para a **Biblioteca Nacional da França**, onde se conserva até hoje.

Para fazer essa matéria, baixamos o mapa do site da Biblioteca do Congresso dos EUA [[loc.gov/collections/](https://www.loc.gov/collections/)]. Se você quiser, pode visitá-la e ver os outros. Assim, poderá apreciar um pouco da bela cartografia daquele tempo e aprender muito sobre o modo como os europeus viam aquele novo mundo que, aos seus olhos, era fabuloso.



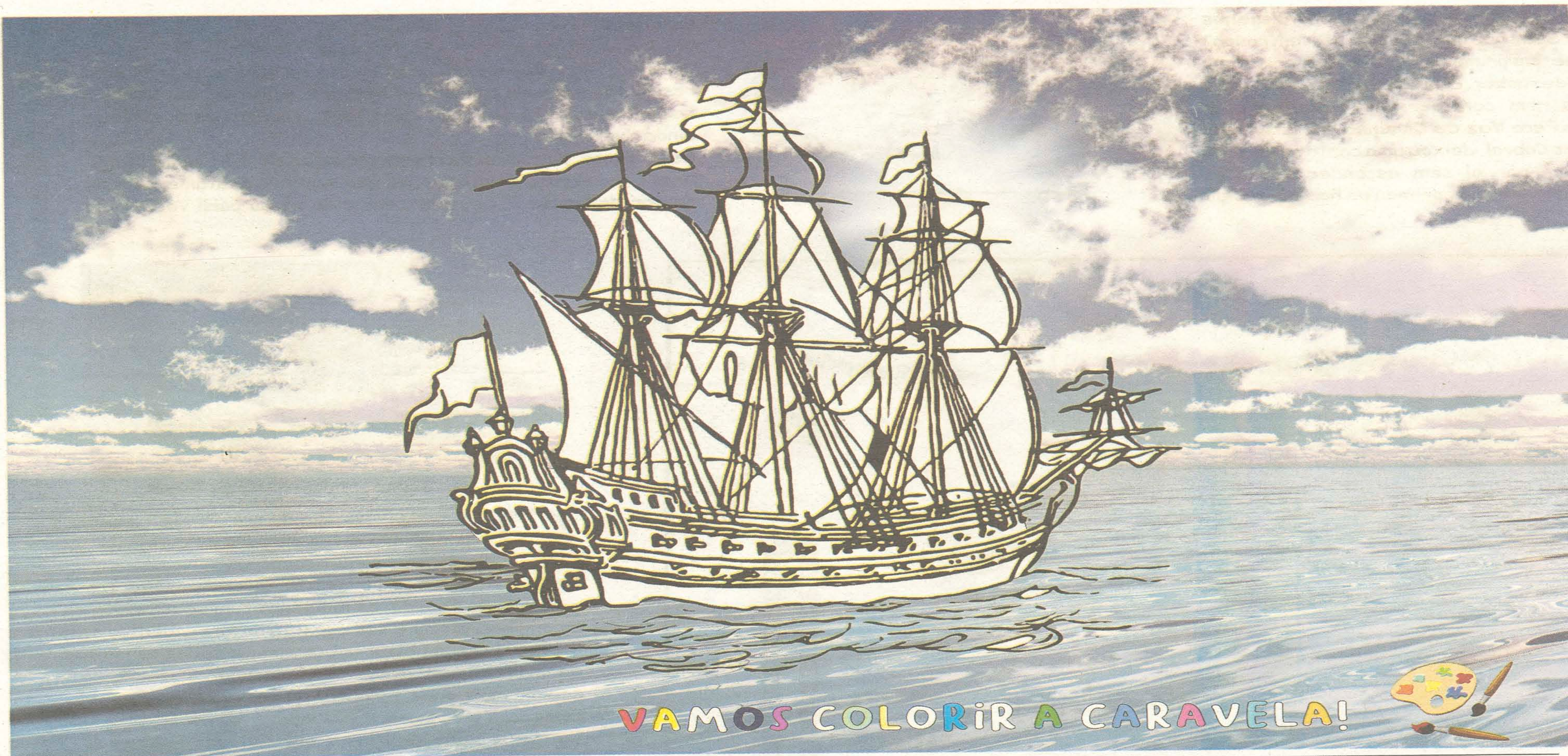
Se uns estão pelados, outros indígenas estão vestidos e adornados com cocares, ombreiras e saias feitas de penas coloridas e mostrando seu arco e flecha. Eles representam, conforme as concepções europeias da época, os **chefes**. Para os europeus, os chefes, ou **nobres**, não deviam fazer nenhuma atividade que pudesse nem sequer **parecer trabalho**. E não faziam! Eles se dedicavam apenas ao ócio, isto é, a atividades não produtivas, como a caça e a guerra. Ser pego trabalhando, para um nobre, era uma desonra!

Pois bem, na América e no Brasil não existiam nobres como na Europa. Mas havia pessoas que se destacavam das outras por causa de alguma habilidade especial ou conhecimentos que só elas possuíam, como a capacidade de se comunicar com os deuses ou com o espírito dos mortos, ou conhecimentos de medicina natural que aplicavam aos doentes do seu povo, ou ainda, como no caso da nobreza europeia, por ser excelentes caçadores e guerreiros.

Isso não dava nenhuma vantagem a essas pessoas, assim tipo regalias e tal, mas elas ganhavam **prestígio** e

eram respeitadas pelos demais por causa dessa habilidade ou conhecimento. Então, elas tinham o direito de usar cocares de penas de aves, ou um corte de cabelo diferenciado, ou tatuagens feitas pelos melhores tatuadores da tribo, ou usar colares e adornos pessoais exclusivos.

Essas coisas marcavam a diferença e eram muito desejadas, e no fim até acabavam estimulando aos outros a se esforçar mais para realizar proezas e adquirir novos conhecimentos.



VAMOS COLORIR A CARAVELA!



Q mais importante pra nós SÃO AS PESSOAS

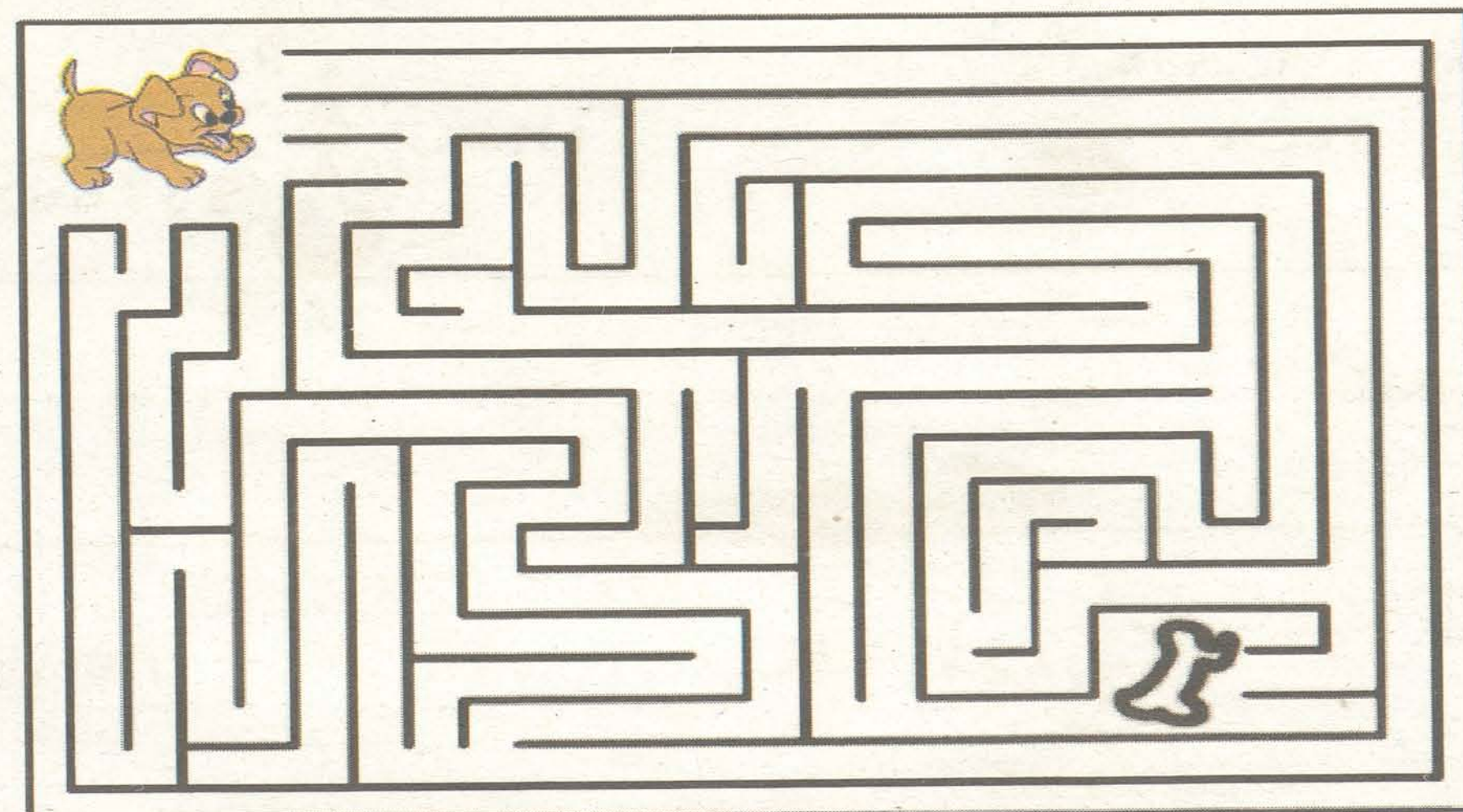
O SAMAE de Araranguá vem promovendo a melhoria da qualidade de vida com suas ações: construção do Parque Belinzoni, reforma da Praça das Águas e construção da Estação de Tratamento na Lagoa do Caverá.



CUIDAMOS DA ÁGUA, DO ESGOTO, DA NATUREZA, DO FUTURO
E PRINCIPALMENTE DAS PESSOAS.



AJUDE O CÃOZINHO A ENCONTRAR O OSSO...



via lateral

(48) 99130-1355

via_lateral
 revistavialateral

via lateral nº 30
circula a partir de dezembro de 2023

Edição e arte: Wanderlei S. Gomes Jr. / Colaboram neste número: Wanderlei S. Gomes Jr. / As matérias assinadas são de responsabilidade dos seus autores e não refletem necessariamente a opinião do jornal. / As matérias não assinadas são de autoria da redação.